

As desventuras de gatos e ratos segundo Luis Sepúlveda

LUIS SEPÚLVEDA/ “O mais difícil é escrever para crianças”

Um romance, um conto juvenil e um documentário. Três novos projectos que o escritor chileno partilhou, em conversa, com **Maria Espírito Santo. Bruno Simões Castanheira** indicou o caminho e tirou o retrato ao autor, de visita a Lisboa

Uma voz pausada e grave e o fumo da cigarri-lha. Surge a paixão pelo cinema, o percurso político e a escrita, que, sempre soube, precisava de tempo de repouso. Sentámo-nos à mesa com Luis Sepúlveda, de 63 anos, um dos grandes nomes da literatura latino-americana. “História de Um Gato e de Um Rato Que Se Tornaram Amigos” é a nova narrativa para crianças, ponto de partida de outras viagens ao passado: de quando o publicaram sem a sua autorização até ao activismo no Greenpeace. Fala-nos até dos netos, um em especial, que o inspira a escrever as histórias para os mais pequenos.

A inspiração é mesmo numa história verdadeira ou é só para agarrar o leitor?

É verdade, um dos meus filhos chama-se Max e quando era pequeno teve um gato, o Mix. E é verdade que o gato teve uma tragédia, quando era mais velho ficou cego. Sempre me chamou a atenção que

este gato, apesar de ser cego, não era deprimido, era um gato alegre, normal. E quis contar uma história em que o mais importante é a amizade, como valor supremo. Neste caso a amizade que acontece entre dois personagens aparentemente tão diferentes como podem ser um gato e um rato.

Este gato e a relação com o filho aconteceu há muito tempo?

Sim, o meu filho tem agora 24 anos e o gato surgiu na sua vida quando tinha dez. Foi já há algum tempo.

E só pensou agora que podia ser uma boa história?

Bom... a história nasce de uma pergunta que me fez um miúdo, na verdade um dos meus netos, que faz muitas perguntas difíceis. Um dia estava a ver na televisão o “Tom e Jerry” e perguntou: “Porque é que são inimigos o gato e o rato?” Não podia dizer-lhe que essa categoria moral, o “inimigo”, não existe na natureza, é uma invenção humana. Então disse-lhe “dá-me tempo, vou contar-te uma história de um gato e de um rato e vais ver que não têm necessariamente de ser inimigos”.



Os netos costumam ser uma ajuda para perceber se uma história vai resultar?

Quando escrevi a da gaivota, os meus filhos ajudaram-me muito. Tal como os amigos deles, a quem também lia os capítulos, me ensinaram muitas coisas. Por exemplo, que eles não gostam de ambiguidade mas sim da linguagem directa. E sobretudo ensinaram-me que quando se escreve para crianças tem de se ser muito cuidadoso com os diálogos porque os miúdos não gostam de uns diálogos quaisquer. Gostam de ser eles a antecipar-se, a adivinhar como vai continuar. **E porquê a presença dos animais. Acha que são bons mensageiros?**

Porque te permitem olhares-te a ti mesmo como ser humano a uma distância que é muito sã. Na altura da escrita é muito eficaz, mas isso já descobriram os velhos fabulistas que usavam animais para contar as suas histórias. E por outro lado, quando essa distância se rompe e o leitor se sente identificado com os valores que encontra, os personagens deixam de ser animais e passam a ser muito parecidos com as pessoas, muito parecidos connosco.

E conhecido pelos dois lados, escrever para crianças e também para um público adulto. Isto é uma decisão, “agora vou escrever para...”?

Não, não está planificado. É como vêm as histórias. Quando começa a escrever percebe-se vai resultar melhor se escreves para todo o público ou para crianças ou adultos. A escrita é que determina a que género vai pertencer a história que estás a contar.

Na cabeça tem de mudar essa lógica de escrita.

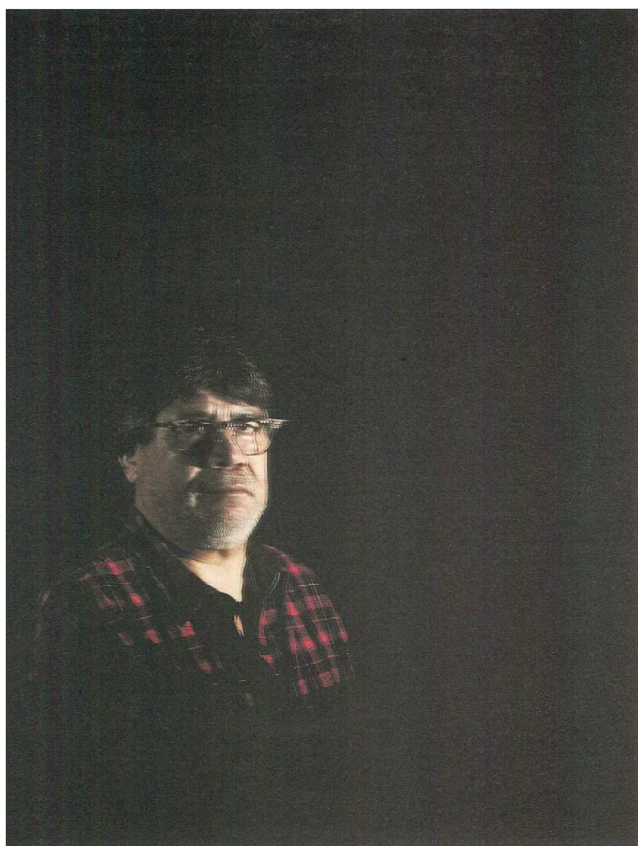
Sim, tens de ter as regras, que são muito fixas. Com um público adulto sabes que podes jogar com as elipses literárias, fazer flashbacks, o que quiseres. Os miúdos gostam das histórias em progressão linear. **Aprende-se sobre a amizade. É importante transmitir estes valores?**

Para mim é fundamental. Neste e em todos os livros que escrevi tento partilhar com o leitor os valores em que acredito. Esse é o compromisso ético da literatura, não poderia escrever uma história vazia de valores. Ou com valores falsos. **Tem de ter sempre um objectivo.**

i

Liv

08-06-2013

Periodicidade: Diária**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 80000**Temática:** Cultura**Dimensão:** 1080**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/4/5

Tens que fazer com que o teu Leitmotif, que é falar desses valores, seja expresso de uma maneira literária porque senão transforma-se numa mensagem e eu detesto a literatura com mensagens.

A escrita para crianças é um escape à sua literatura para adultos?

Não. É parte do ofício de escrever. Não é um escape e tão-pouco é um descanso porque o mais difícil é escrever para crianças. Como escritor todos tendemos a usar uma linguagem ambígua para abrir as interpretações. E aí tens de ser completamente concreto, directo. E por outro lado, exige um cuidado muito grande porque sabes que, quer os miúdos leiam com os pais quer sozinhos com um dicionário, tens de ter o cuidado de não lhes complicar a vida, não usar termos que se dêem a muitas interpretações.

Teve muitas versões para esta história? Cortijo sempre muitíssimo. Faço um primeiro manuscrito, depois deixo-o, esqueço-o e acabo por retomá-lo. Em geral são três ou quatro versões até que chegue ao momento em que me parece que está bem, perfeito.

Associámos o escritor a uma vida recatada. Não é o seu caso, que aliou a escrita a um percurso político, chegou a fazer parte da guarda pessoal de Salvador Allende. Nessa altura já sabia que queria ser escritor?

Sim. Comecei muito jovem, com 16 anos, a escrever para programas de teatro numa rádio em Salvador do Chile. Depois comecei a colaborar num jornal e foi uma escola de síntese. E logo escrevi muito teatro, poesia, mas tinha muito claro que ser escritor era uma coisa de madurez e de tempo. O meu primeiro livro de contos foi publicado contra a minha vontade.

Quem o fez?

Tinha um professor de Literatura no instituto onde estudava, um professor estúpido. Transformou-se no meu confidente literário. Um dia, quando já tinha terminado os estudos do liceu, já estava na universidade, ele convidou-me a casa dele. Disse: "Quero dar-te uma notícia, provavelmente não vais gostar, mas já está feito. Fiz uma selecção dos teus contos e mandei para um concurso literário de grande prestígio, a Casa das Américas."

"Falamos em espanhol?", perguntamos. Acena-nos em tom afirmativo. Sempre sério e de expressão impassível, quando as perguntas surgem e a conversa se alonga deixa escapar um sorriso. É aí que reconhecemos o autor que deixa a ironia dos romances de parte para embarcar na fantasia do mundo infantil



"HISTÓRIA DE UM GATO E DE UM RATO QUE SE TORNARAM AMIGOS"

Luis Sepúlveda
Porto Editora
13,30€

Como reagiu?

Fui o vencedor mais jovem, fiquei muito alegre e rapidamente fui odiado por muitos escritores que perguntavam "quem é este miúdo que nem 20 anos tem?". Mas depois esperei, esperei muito. Estive metido em muitas coisas e quando já estava a viver na Europa, nos anos 80, atrevi-me a publicar um segundo e um terceiro livro de contos. E sabia que para o romance tinha de esperar mais, ainda não me sentia maduro. Quando publiquei "O Velho Que Lia Romances de Amor" já tinha 40 anos, e pensei "agora já tenho a bagagem necessária para contar".

Acha que a idade é importante?

Para mim sim. Não podia ter escrito esse romance sem viver na Amazónia, nem escrever sobre aquela etnia sem os ter conhecido. Não podia ter escrito sobre esse personagem, um velho, sem ter conhecido muitos velhos na minha vida para saber como pensam, como reagem, como enfrentam com as limitações da idade. Mas é possível que haja pequenos génios que aos 20 consigam escrever um grande romance. Mas como não sou um génio, precisava de tempo.

Também na vida política, quando esteve preso, esteve sempre a escrever?

A escrever e a pensar no que poderia escrever. Mas quando estás na clandestinidade ou preso, a única coisa em que pensas é em sobreviver. No exílio também tinha que trabalhar, ganhar a vida, e tive a sorte de trabalhar como jornalista.

Não era difícil separar o caminho artístico dos compromissos políticos?

Sempre separei as duas coisas. Por um lado entregava-me, por outro agia como cidadão. Também fui activista da Greenpeace durante muitos anos. Ajudou-me a escrever um livro, "Mundo del fin del mundo", que é uma homenagem aos meus companheiros de lá. Aos poucos, apercebes-te de que os temas te vão encontrando. E eles esperam que tu amadureças. **Também estudou Teatro.** Sempre vi o teatro muito ligado à literatura. Lia Pirandello, que me deixava fora de mim. Era um teatro necessário. Em duas horas faziam um resumo da sociedade.

E o interesse pelo cinema?

O cinema já foi uma paixão. Vivi e cresci num bairro em Santiago que tinha um cinema ao pé, com estreias regulares. O cinema dava-me uma ideia das regras da dramaturgia. Se nunca tivesse conhecido o neo-realismo italiano, por exemplo, não sabia que poderia ser escritor. É aprender a dominar o tempo narrativo. Nas férias via uns 20 filmes por semana.

Chegou a realizar dois.

Três. Fiz também uma curta-metragem em 16 mm. Sabes, quando uma pessoa sai de uma casa e nas paredes ficam os buracos de coisas que lá estavam? É como uma cicatriz. Foi através dessas sombras que contei a história de uma família de Berlim.

Ainda tem vontade de fazer cinema?

Sim, de vez em quando. Agora estou com um amigo a preparar um projecto documental. Retrata um dia na vida de uma comunidade mapuche.

E ao mesmo tempo tem escrito?

Também estou a trabalhar num romance, sim. Vai chamar-se "Cossaco", sobre esse povo que existia e ainda existe na Rússia. Um descendente de um chefe cossaco acabou no Chile condenado por crimes contra a humanidade. A história é inspirada em factos reais. Estou ainda a trabalhar numa história para crianças que deve ser publicada no próximo ano. Também nasceu de uma pergunta desse meu neto, o Daniel, que me perguntou, acerca de um caracol, porque era tão lento. O livro vai-se chamar "História do Caracol Que Descobriu o Prazer da Lentidão".

Um neto que é um ajudante.

Este é que faz as perguntas mais complexas, acho que vai ser filósofo. Lembrou-me que um dia, quando era pequeno, devia ter uns cinco anos, eu estava a acender uma fogueira e estava a avisá-lo que se tem de ter muito cuidado. Na casa ao lado havia galinhas que estavam a fazer muito barulho, ele perguntou que animais eram, eu levantei-o e mostrei-lhe. Ficou pensativo até que perguntou: "Se uma das galinhas saltasse para aqui e caísse no fogo, quando saísse era um frango?"